

Uma foto, nada mais

O GLOBO

“O Brasil marcha para a modernidade, inserir-se na economia mundial, reformar o Estadal, acompanhar as novas idéias.” Isto é o que se ouve diariamente na retórica política. Mas, poucas vezes vi um atestado de atraso de pensamento, de desatualização, como essa discussão do século XIX que saiu nos nossos jornais sobre democracia social e neoliberalismo. Sinto-me tentado a citar Edgar Morin, quando diz que “nossas palavras estão doentes e degradaram-se, tomaram lugar das coisas que tinham por função designar”.

Acho difícil, depois do fim das ideologias, quando essas especulações vazias em torno de idéias políticas estão mortas, que ainda exista lugar no mundo em que se discuta social-democracia e liberalismo. Primeiro a constatação de que a social-democracia, nunca ninguém soube exatamente o que era. E, hoje, apenas um híbrido congelado em alguns países friíssimos da Escandinávia.

A coisa ficou tão sensível que chamar alguém de “neoliberal” passa a ser insulto a ser repellido logo. E como se fosse nome de mãe, e até o presidente ficou irritado, reagiu e autotransformou-se de neo-social, o que é justamente o oposto do que ele quis dizer. Um neoliberal é certamente um sujeito que quer um Adam Smith, o *laissez faire*, sem dentes. Já um neo-social é aquele que deseja um social à direita.

A verdade é que o PSDB e o PFL têm seus documentos constitutivos quase idênticos. Enquanto o PFL no seu programa quer “liberar as imensas energias criadoras do povo brasileiro”, o PSDB quer “o estuário para onde correm as energias progressistas no mundo inteiro”. Na parte social, este diz que “o maior objetivo nacional do partido é pagar a dívida de um terço da população que vive na miséria”. O PFL, mais radical, abandona as privatizações, afirmando que “elas devem ser sem desnacionalização, e mediante o fortalecimento da empresa nacional”. Sua crença social-democrática (PFL) é sumária: “Afirmamos a prevalência do interesse social sobre o individual.”

O primeiro partido social-democrático que tivemos foi o mais conservador de todos, o PSD, do comandante Amaral Peixoto, um excelente homem público. Depois, com todo os programas partidários repetindo as mesmas coisas, sem nenhuma definição ideológica, à exceção do PC e do PT, todos mesmo, repetem os mesmos compromissos, com a mesma retórica populista e demagógica.

É que os partidos, no Brasil, nem são nacionais nem foram ideológicos. Sempre foram partidos de pessoas e de quadros, de estados ou regiões. Por isso me espanta que, agora, quando a ideologia desapareceu do mundo, se queira ressuscitar uma controvérsia ideológica sobre o que não existe mais, e ficar na discussão que na UDN-era tida como “sobre o sexo dos anjos”.

A afirmação não é minha, mas de Pasquino, no seu livro escrito de parceria com o grande cientista político Norberto Bobbio: “A experiência social-democrata é uma experiência falida.” Sempre foi um socialismo envergonhado: Essas palavras foram usadas, aqui e lá fora, sempre que as pessoas não queriam mostrar a verdadeira face ou simular acreditar no

que não acreditavam.

Quanto ao liberalismo, é um fóssil que não se encontra mais um lugar nenhum, nem ninguém tem mais a coragem de falar dele, porque é uma coisa que nunca foi possível — deixar o Estado de braços cruzados vendo o esmagamento e a exploração da sociedade em benefício de interesses individuais. E neoliberalismo é, também, neologismo brasileiro, o *neo*, adjetivo. A definição de liberal é diferente em cada lugar. A começar pela etimologia, é espanhola, e queria dizer, os prudentes: “los liberales de Cádiz”. Liberal, nos Estados Unidos, é uma definição bem próxima de comunista à la americana. O que há no mundo é o fim das ideologias como sistemas e a execução, no governo, de idéias básicas e concretas sobre determinados e cruciantes problemas.

A chamada *onda liberal*, que excitou alguns preceitos liberais pregados, modernamente, por Hayek e praticados por Thatcher e Reagan, com a vitória sobre o comunismo, foi transformada, não numa doutrina, mas em ações efetivas de uma política mundial a ser imposta a todos os países desejosos de participar da no-

va ordem mundial. Mas, já agora, as resistências se avolumam, as reações aparecem, a face perigosa do que significam aberturas selvagens faz com que este modismo, que aqui se chamou de neoliberal, seja um prato frio.

O presidente Fernando Henrique, quando disse “esqueçam tudo que eu escrevi”, estava certo e não era incoerente. E que o mundo mudou. E como se falássemos hoje que Getúlio deveria fumar charuto cubano quando ele, Getúlio, morreu, portanto não fuma mais. Correspondeu a uma época que já passou. Escreveu diante de algumas circunstâncias e momentos que, como se diz na gíria, “foram para o brejo”.

Assim, nada mais anacrônico, fora de contexto, é mascararem-se lutas pessoais, regionais, disputas de influências entre pessoas com a capa de pureza das convicções sociais-democratas ou liberais, isto é, dogmáticas.

A melhor definição de ideologia, demonstrada com absoluta clareza, foi dada pelo jornalista Rangel Cavalcanti, do Ceará, quando em 1964 foi preso por um major, chefe de uma comissão de inquérito que o in-

diciava como subversivo. Rangel procurou saber do que se tratava. Disseram-lhe estar o processo criminal ligado a sua ida a Cuba, com um grupo de jornalistas, cortar cana junto com Fidel. Rangel, precavido, comunicou-se. Vem o interrogatório: “Por que estou sendo processado?” “Você é um comunista herege (!). Veja esta foto.” E saca o coronel uma foto de Rangel, de facão na mão, cortando cana para ajudar Cuba. Rangel não vacilou e sacou três fotos: uma com dom Hélder, outra com o presidente Castelo Branco e outra com o general Souto Malan. Mostrou as fotos e perguntou ao major: “O senhor agora me diga, que eu quero saber, pelo conceito fotográfico, qual é minha ideologia?”

Essa briga social-liberal pode ser resolvida por fotografia. O presidente chama os dois partidos e bate foto com ambos. Estatuto e programa assemelhados, tripulação do mesmo barco, aliados e adeptos, como distinguir a ideologia de cada um?

E não deve esquecer, também, de chamar o PMDB que, tanto quanto o PSDB e o PFL, está precisando de uma fotozinha...

José Sarney é presidente do Senado Federal.